

Inovação e Responsabilidade Social Corporativa: impacto no desempenho dos bancos brasileiros

MARIA LAYANE SILVA GOMES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

GERLIANE MAIA COSTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

JISLENE TRINDADE MEDEIROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

MÁRCIA MARTINS MENDES DE LUCA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

INOVAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA: IMPACTO NO DESEMPENHO DOS BANCOS BRASILEIROS

1 INTRODUÇÃO

A interrelação dos objetivos econômicos com os sociais e os ambientais, principalmente como resposta às demandas da sociedade quanto à preocupação socioambiental, levou as empresas a desenvolver estratégias capazes de proporcionar o melhor uso dos seus recursos e capacidades (BACINELLO; TONTINI; ALBERTON, 2019). No conjunto de estratégias competitivas que vêm sendo adotadas pelas empresas com o objetivo de obter sucesso, destacam-se a inovação e a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) (SANTOS, 2018).

De acordo com Barakat, Boaventura e Polo (2017), quando a RSC está alinhada à estratégia organizacional, cria-se valor para a empresa. Assim, no campo estratégico, a RSC é definida por McWilliams e Siegel (2011) como um conjunto de ações responsáveis por trazer vantagem competitiva sustentável para a empresa, independentemente do motivo que a levou à ação. Já a inovação, enquanto estratégia organizacional competitiva, é implementada com o intuito de produzir, adotar, assimilar ou explorar novos recursos para acrescentar valor econômico e social à empresa (CROSSAN; APAYDIN, 2010).

Gallardo-Vázquez e Sánchez-Hernández (2013) afirmam que a inovação aumenta quando a empresa é social e ambientalmente responsável, e que, na proporção em que ocorre o aumento da inovação, a empresa se torna mais competitiva, o que, por conseguinte, potencializa a relação diretamente proporcional entre a RSC e a competitividade. Além disso, a inovação é apontada por Surroca, Tribò e Waddock (2010) como um dos fatores que podem afetar a relação entre a RSC e o desempenho.

Cabe destacar que diversos estudos que procuraram relacionar a inovação ou a RSC com a *performance* organizacional se concentraram no desempenho financeiro (PADGETT; MOURA-LEITE, 2012; PADILLA-OSPINA; RIVERA-GODOY; OSPINA-HOLGUÍN, 2019; WAGNER, 2010). Nesse sentido, Santos (2018) destaca a importância de se analisar a multidimensionalidade do desempenho, ou seja, considerando tanto os fatores financeiros quanto os não-financeiros, haja vista que o foco apenas em resultados financeiros pode levar a empresa a investir em projetos que não necessariamente resultarão em criação de valor. Assim, o presente estudo considera a multidimensionalidade do desempenho empresarial.

Para fundamentar a análise da relação entre inovação, RSC e desempenho, destacam-se os preceitos da Visão Baseada em Recursos (VBR), campo do conhecimento especializado em estratégias competitivas (HAYASHI *et al.*, 2018). A VBR reconhece a relevância dos recursos intangíveis (ALBUQUERQUE FILHO *et al.*, 2020; BRANCO; RODRIGUES, 2006; FARIA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019; SURROCA; TRIBÒ; WADDOCK, 2010), o que a torna ideal para estudos envolvendo RSC e inovação, haja vista que essas estratégias são de difícil imitação pela concorrência e estão relacionadas com a criação de vantagem competitiva, o que pode originar um desempenho superior e sustentável, até o momento em que as empresas concorrentes obtenham recursos similares (CARVALHO; KAYO; MARTIN, 2010; HAYASHI *et al.*, 2018).

Alguns estudiosos analisaram os efeitos conjuntos da inovação e da RSC como estratégias competitivas com potencial de impactar o desempenho. Nesse sentido, algumas pesquisas foram desenvolvidas no âmbito do setor industrial (SANTOS, 2018), em microempresas (GALLARDO-VÁZQUEZ; SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, 2013) e até mesmo em empresas familiares (WAGNER, 2010). Com o intuito de ampliar essas análises, o presente estudo direciona o foco para o setor bancário brasileiro.

De acordo com pesquisa da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN, 2019), em parceria com a Deloitte, os bancos fazem parte de um dos setores que mais empregam

recursos tecnológicos, ficando atrás apenas dos governos. No caso dos bancos brasileiros, em 2018 houve uma equiparação com o setor público em relação aos gastos com tecnologia (FEBRABAN, 2019). O grande investimento dos bancos brasileiros em inovação, principalmente em recursos tecnológicos, tem o intuito de mantê-los competitivos (CARVALHO, 2019). Alguns estudos apontam ainda que a tecnologia de informação é capaz de afetar positivamente o desempenho dos bancos (CHEN *et al.*, 2006; FARIA; MAÇADA, 2011; KAO; HWANG, 2010; WANG; GOPAL; ZIONTS, 1997).

Diante desse contexto, o presente estudo apresenta a seguinte questão de pesquisa: Quais os principais impactos da inovação e da RSC no desempenho dos bancos brasileiros? Nessa perspectiva, o estudo tem por objetivo analisar o impacto da inovação e da RSC no desempenho dos bancos brasileiros. Para tanto, são analisados todos os bancos com ações negociadas na B3 S/A – Brasil, Bolsa, Balcão, no período 2010-2019. Para tanto, procedeu-se a uma regressão multivariada com dados em painel.

O estudo se justifica pela relevância da inovação e da RSC, especialmente quando são tratadas de forma conjunta como estratégias competitivas com potencial para impactar positivamente o desempenho (BOCQUET *et al.*, 2015). Espera-se que os mesmos impactos sejam observados nas instituições bancárias brasileiras, principalmente devido ao grande investimento em inovação tecnológica (FEBRABAN, 2019), que tem a capacidade de ajudar a aumentar as ações de RSC, além de contribuir para a criação de vantagem competitiva (CARVALHO, 2019).

O presente estudo se diferencia dos demais por analisar os impactos conjuntos da inovação e da RSC no desempenho do setor bancário brasileiro à luz da VBR, contribuindo, dessa forma, para enriquecer a literatura. Outra contribuição diz respeito à análise do desempenho de mercado dos bancos, pois o foco apenas em resultados financeiros pode não ser suficiente para avaliar organizações em ambientes competitivos (SANTOS, 2018). Dessa forma, espera-se contribuir com uma análise mais ampla do desempenho das instituições bancárias, a fim de auxiliar o processo decisório dos diversos *stakeholders*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A VBR surgiu no início da década de 1990, no âmbito das pesquisas sobre estratégia empresarial (FARIA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019; HAYASHI *et al.*, 2018), fundamentadas no estudo seminal de Barney (1991), segundo o qual as estratégias adotadas pelas empresas lhes possibilitarão a obtenção de vantagem competitiva a partir da otimização de seus pontos fortes internos, aliada às oportunidades do ambiente externo.

No conjunto de pressupostos da VBR, destacam-se a heterogeneidade dos recursos e a mobilidade imperfeita de recursos. A heterogeneidade dos recursos diz respeito às diferenças entre os recursos da empresa e a sua capacidade de gestão (FARIA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019). A mobilidade imperfeita, por sua vez, refere-se ao valor da utilização de recursos para fins específicos, o que garante a especialização da firma (ELLEGAARD; MEDLIN; GEERSBRO, 2014).

Por meio da heterogeneidade dos recursos e da mobilidade imperfeita de recursos, decorrem algumas características que podem ser utilizadas para identificar os recursos competitivos da empresa, ou seja, recursos valiosos que são controlados por uma única firma (CISZEWSKA-MLINARIČ; WASOWSKA, 2015), e que também são raros (BARNEY, 1991). O conjunto dessas características forma o modelo VRIO, acrônimo que resulta da associação dos vetores Valor, Raridade, Inimitabilidade e Organização. Barney e Hesterly (2008) explicam que o Valor de um recurso ou conjunto de recursos está relacionado ao aproveitamento das oportunidades e à diminuição das ameaças; Raridade é o caráter específico de um recurso específico para a empresa; a Inimitabilidade é característica que faz com que determinado recurso seja difícil de se imitar pela concorrência; e Organização diz

respeito à capacidade da empresa de organizar de forma eficiente e eficaz seus recursos raros, valiosos e de difícil replicação. .

Depreende-se, dessa forma, que, para serem fonte de vantagem competitiva, os recursos devem ser distribuídos de forma heterogênea entre as firmas que atuam no mesmo setor, e que, além disso, não devem ser facilmente imitados (BARNEY, 1991). No entanto, mesmo nos casos em que as empresas de um mesmo setor possuam idênticos recursos, em algumas circunstâncias a primeira firma a implementar uma estratégia a partir desse conjunto de recursos poderá obter vantagem competitiva sustentável, haja vista que ela poderá ter acesso a canais de distribuição, desenvolver um bom relacionamento com os clientes e adquirir uma boa reputação, antes que as outras firmas implementem suas estratégias (BARNEY, 1991).

A criação dessas vantagens competitivas encontra-se nos recursos e nas capacidades desenvolvidos e controlados pela empresa (BARNEY, 1991), de modo que uma capacidade pode ser percebida como um conjunto de recursos específicos (FARIA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019), enquanto os recursos podem ser classificados em tangíveis e intangíveis (WERNERFELT, 1984). Os primeiros são aqueles facilmente visíveis e de fácil quantificação, enquanto os intangíveis são aqueles de difícil identificação e mensuração, por fazer parte da história da empresa (WERNERFELT, 1984).

A vantagem competitiva é efetivamente alcançada por meio dos recursos intangíveis, devido à dificuldade de sua identificação e mensuração pela concorrência (BRYANT, 2003; FARIA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019). No que diz respeito a tais recursos, a inovação é considerada uma das estratégias mais importantes (GOMEZ-MEJIA; BALKIN, 2002; SURROCA; TRIBÓ; WADDOCK, 2010). A RSC é outra estratégia também adotada com o intuito de garantir vantagens competitivas (CASTELO; LIMA, 2006; RHOU; SINGAL; KOH, 2016).

Os estudos que tratam da VBR visam a explicar a relação entre a vantagem competitiva de uma empresa e o desempenho respectivo. No entanto, alguns estudiosos, como Bansal (2005), procuram aplicar os preceitos da VBR para explicar como os recursos intangíveis podem influenciar o desenvolvimento corporativo sustentável. Bansal (2005) identificou uma correlação entre inovação (recurso intangível) e RSC, haja vista que a empresa pode aplicar os princípios de RSC no desenvolvimento de produtos e serviços. Gallego-Álvarez, Prado-Lorenzo e García-Sánchez (2011) observam que a relação entre inovação e RSC é bidirecional, na medida em que a empresa sustentável adota inovações em produtos ou processos com o objetivo, por exemplo, de reduzir o consumo de energia e de matéria-prima, assim como para diminuir o impacto desses produtos e serviços no meio ambiente e a emissão de dióxido de carbono (CO₂). Na outra direção, a empresa inovadora implementa práticas de RSC, mesmo que de forma mínima, para evitar que o mercado reaja negativamente (GALLEGO-ÁLVAREZ; PRADO-LORENZO; GÁRCIA-SÁNCHEZ, 2011).

A capacidade da empresa para promover a inovação e a criatividade, mantendo a qualidade dos produtos e serviços, constitui o principal fator de vantagem competitiva (CHO; PUCIK, 2005), inclusive da sustentação dessa vantagem competitiva e da criação de valor (BAREGHEH; ROWLEY; SAMBROOK, 2009). Da mesma forma, a RSC, quando direcionada exclusivamente para a responsabilidade socioambiental, também pode levar a uma vantagem competitiva sustentável.

Devinney (2009) considera a relação entre RSC e inovação uma área adicional de estudo na literatura já consolidada que trata da associação entre RSC e desempenho da firma. McWilliams e Siegel (2000) incluíram duas variáveis nesse contexto: o nível de gastos com pesquisa e desenvolvimento (P&D) e o de gastos com publicidade. Em estudo de 2011, esses mesmos autores argumentam que muitos aspectos relacionados a RSC influenciam o desenvolvimento de um novo produto ou processo. Bansal (2005), Husted e Allen (2007) e

Santos (2018) também encontraram ligação entre as práticas de RSC e as estratégias de inovação.

Nesse sentido, Gallego-Álvarez, Prado-Lorenzo e García-Sánchez (2011) argumentam que as empresas devem associar princípios relacionados à RSC a seus produtos ou serviços, processos e práticas produtivas que necessitam de mudanças tecnológicas, via investimento em P&D. Dessa forma, em termos de gestão estratégica, a RSC pode oferecer oportunidades para incremento da capacidade inovativa, do mesmo modo que as ações de RSC podem levar à inovação através de práticas sustentáveis relacionadas a fatores econômicos, sociais e ambientais, por meio da oferta de novos produtos, serviços ou de uma nova fatia de mercado (GALLEGO-ÁLVAREZ; PRADO-LORENZO; GÁRCIA-SÁNCHEZ, 2011).

Ademais, o desenvolvimento de novos produtos ou serviços via investimento em P&D, ou seja, de recursos intangíveis, pode incorporar as preferências dos clientes por meio da flexibilização da tecnologia (GALLEGO-ÁLVAREZ; PRADO-LORENZO; GÁRCIA-SÁNCHEZ, 2011). Macgregor e Fontrodona (2008) defendem que o investimento em tecnologia deve ser amplo, contínuo, sistemático, em toda a empresa, e envolver a vinculação da inovação à RSC.

Nesse contexto, Santos (2018) afirma que a estratégia empresarial deve procurar adaptar-se às novas necessidades de mercado e se direcionar para aspectos mais dinâmicos e competitivos, sendo o grande desafio fazer com que as atividades inovadoras atendam às diversas demandas da sociedade e contribuam para melhorar o desempenho da empresa. O setor bancário, por exemplo, foi impulsionado pela globalização a um mais alto patamar de concorrência, direcionando a administração dos bancos para a melhoria do desempenho a partir da inserção de novos serviços (CHAI; TAN; GOH, 2016). Corroborando essa afirmação, Friósi *et al.* (2017) apontam que é nítido o esforço que o setor bancário vem empreendendo no sentido de se aperfeiçoar no mercado, buscando novas oportunidades através, principalmente, da tecnologia da informação (COETZEE, 2018). Por meio da implementação de sucessivas inovações em seus processos e produtos, os bancos alcançaram redução dos custos de transação bancária, aumentaram a eficiência dos processos e, especialmente, agregaram maior valor aos clientes através de novas tecnologias (FRIÓSI *et al.*, 2017).

O mercado bancário brasileiro constitui um setor econômico consolidado no Brasil, dado o longo tempo de atividade de três dos 43 maiores bancos do mundo presentes no país (SALOMÃO, 2016). No entanto, em termos de estratégia competitiva, importa destacar que os bancos brasileiros atuam de forma similar, haja vista que seus produtos podem ser imitados pelos concorrentes (FRIÓSI *et al.*, 2017). Porter (1986) destaca que quando a empresa atua em tais condições, deve buscar sempre estratégias que criem vantagem competitiva sobre as demais, sendo a inovação, conforme apontado por Schumpeter (1961), um desses meios.

A utilização cada dia mais intensa de tecnologias relacionadas a informação e comunicação nos bancos constitui uma tendência observada há muitos anos no Brasil, e possibilita uma maior redução dos custos operacionais, e, conseqüentemente, impacta o desempenho (BOMBONATTI FILHO *et al.*, 2013). Segundo Jaggi (2014), além de garantir comodidade e segurança aos clientes e proporcionar a redução de custos operacionais, as inovações tecnológicas implementadas no setor bancário devem também promover boas práticas ambientais. Essa atitude dos bancos ao implementar em seus processos e produtos formas de contribuir para o desenvolvimento sustentável é conhecida como *Green banking* (JAGGI, 2014).

Apesar de sua atividade principal não ser considerada poluidora, os bancos desenvolvem operações que aumentam a emissão de dióxido de carbono, principalmente, por meio da utilização massiva de energia elétrica (iluminação e climatização, equipamentos eletrônicos e outros) e do alto consumo de papel (JAGGI, 2014). Portanto, a adoção de

tecnologias como os terminais de autoatendimento, *internet banking* e *mobile banking* (NIRANJANA, 2020) contribuem para a redução da pegada de carbono dos bancos (JAGGI, 2014).

Considerando-se que a adoção das inovações tecnológicas está alinhada com as ações estratégicas de RSC nos bancos (BARAKT; BOAVENTURA; POLO, 2017), espera-se que essas duas estratégias competitivas possam afetar o desempenho empresarial das instituições financeiras, haja vista que os bancos, assim como acontece em qualquer outro setor econômico, procuram aumentar seus ganhos, e, assim, superar, ou pelo menos acompanhar seus concorrentes em termos de eficiência (FRIÓSI *et al.*, 2017).

Considerando a importância de se explorar a multidimensionalidade do desempenho empresarial (SANTOS, 2018), o presente estudo utiliza o desempenho econômico como forma de verificar a rentabilidade dos bancos, como também o valor de mercado, procurando analisar a dimensão de mercado. Segundo Bastos, Matos e Queiroz (2018), o valor de mercado pode ser entendido como a expectativa que o mercado cria sobre o desempenho futuro da entidade e da economia, levando em conta um conjunto de fatores.

Nessa perspectiva, alguns estudos correlacionaram as inovações no setor bancário com o seu desempenho econômico. Ao pesquisar os bancos da Tunísia, Abir, Raoudha e Emna (2016) encontraram que a inovação de produtos e processos impacta negativamente o desempenho econômico. No entanto, os três citados autores justificam essa correlação apontando que provavelmente a renda dos bancos tunisianos não vem conseguindo cobrir os altos investimentos em novas tecnologias. Enquanto isso, com base em estudos específicos realizados em bancos comerciais do Quênia e da Somália, Chipeta e Muthinja (2018) e Muigai e Gitau (2018) no primeiro país, e Hussein e Ibrahim (2019) no segundo, encontraram que a inovação afeta positiva e significativamente o desempenho econômico.

Outros estudos também correlacionaram a RSC ao desempenho econômico nos bancos. Devido aos altos custos envolvidos na RSC, ainda há divergências quanto ao seu impacto no desempenho (ENUGHULU; DABOR, 2018). Enughulu e Dabor (2018) não encontraram relação significativa entre desempenho econômico e RSC nos bancos comerciais da Nigéria. Já Buallay (2019), ao estudar os bancos europeus, encontrou uma relação negativa entre RSC e desempenho econômico. Diferentemente, Wu e Shen (2013), em pesquisa junto a 162 bancos em 22 países, encontraram uma relação significativa e positiva entre RSC e desempenho econômico, o mesmo achado de Maqbool e Zameer (2018) em bancos comerciais na Índia, e de Tumewang e Maharani (2019) em bancos islâmicos.

Desse modo, como as estratégias de inovação e RSC nos bancos não só geram custos, mas também promovem benefícios, espera-se que tais estratégias aumentem o desempenho econômico. Dito isso, e com base nos estudos aqui apresentados, propõem-se as seguintes hipóteses:

- H₁:** Nos bancos brasileiros o nível de inovação influencia positivamente o desempenho econômico.
- H₂:** Nos bancos brasileiros o engajamento em atividades de RSC influencia positivamente o desempenho econômico.

No que tange ao valor de mercado dos bancos, também foram identificados estudos que procuram relacioná-lo com a inovação. Importa destacar que a inovação cria valor de mercado quando seus agentes a percebem como fator determinante da eficiência e do progresso tecnológico (ABIR; RAOUDHA; EMNA, 2016). Assim, Uzkurt *et al.* (2013), ao estudar a cultura organizacional inovadora em bancos da Turquia, e Abir, Raoudha e Emna (2016), ao pesquisar sobre a inovação de produtos e processos em bancos da Tunísia,

encontraram que essas duas variáveis impactam de forma positiva e significativa a criação de valor de mercado.

Outros estudiosos também relacionaram a RSC com o valor de mercado no âmbito dos bancos. Bolton (2013), por exemplo, ao pesquisar uma amostra de bancos dos Estados Unidos, encontrou uma correlação positiva entre RSC e valor de mercado. De maneira oposta, Buallay (2019), que estudou bancos europeus, encontrou uma correlação negativa entre as duas variáveis. Carnevale, Mazzuca e Venturini (2012), por sua vez, ao pesquisar uma amostra de bancos listados na Europa, não encontram relação significativa entre RSC e valor de mercado.

Diante o exposto, e apesar de os resultados ainda apresentarem divergências em relação ao impacto da RSC no valor de mercado, entende-se que, ao utilizar essas estratégias, tanto de inovação quanto de RSC, os bancos criam maior valor de mercado. Diante disso, propõem-se as seguintes hipóteses:

H₃: Nos bancos brasileiros o nível de inovação influencia positivamente o valor de mercado.

H₄: Nos bancos brasileiros o engajamento em atividades de RSC influencia positivamente o valor de mercado.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A amostra do estudo reúne 20 bancos brasileiros listados na B3, com dados financeiros disponíveis na plataforma da Compustat Global, referentes ao período 2010-2019.

Na coleta dos dados, foram consultados documentos, como relatórios financeiros e o Formulário de Referência, além de *websites* do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e da Espacenet. Foram utilizadas na pesquisa as seguintes variáveis: desempenho econômico e valor de mercado como variáveis dependentes; e RSC e inovação, como variáveis independentes. Utilizaram-se, ainda, as seguintes variáveis de controle: tamanho, alavancagem, banco público e controle de capital.

O Quadro 1 explicita as variáveis utilizadas na pesquisa, acompanhadas de *proxy*, operacionalização e embasamento teórico.

Quadro 1 – Variáveis da pesquisa

Variável	Proxy	Sigla	Operacionalização	Base Teórica
Desempenho Econômico	Retorno sobre o Ativo	ROA	Retorno sobre o Ativo, da instituição <i>i</i> , no período <i>t</i>	Abir, Raoudha e Emna (2016) Buallay (2019) Muigai e Gitau (2018)
	Lucro por ação	LPA	Lucro por ação, da instituição <i>i</i> , no período <i>t</i>	Lameira <i>et al.</i> (2013)
Desempenho de Mercado	Valor de Mercado	VM	Logaritmo do valor de mercado da instituição <i>i</i> , no final do período <i>t</i>	Abir, Raoudha e Emna (2016) Carnevale, Mazzuca e Venturini (2012)
RSC	ISE	ISE	Participantes do ISE – variável <i>dummy</i> , que assume o valor 1 para banco listado, e o valor nulo para outro	Lameira <i>et al.</i> (2013); e Freguete, Nossa e Funchal (2015)
Inovação	Patentes	PAT	Variável <i>dummy</i> , que assume o valor 1 para banco com patente registrada, e o valor nulo para outro	Almendra <i>et al.</i> (2017) Moura e Galina (2009)
Controle	Tamanho	TAM	Tamanho da instituição <i>i</i> no período final do período <i>t</i> , obtido pelo logaritmo natural do valor total do seu Ativo	Chipeta e Muthinja (2018) Tumewang e Maharani (2019)

			Wu e Shen (2013);
Alavancagem	ALAV	Alavancagem (Ativo dividido pelo Patrimônio Líquido) da instituição <i>i</i> , no final do período <i>t</i>	Hussein e Ibrahim (2019) Wu e Shen (2013)
Banco público	PUB	Variável <i>dummy</i> , que assume o valor 1 quando a instituição <i>i</i> for banco estatal, e o valor nulo no caso contrário	Bose <i>et al.</i> (2018)
Controle de Capital	NAC	Variável <i>dummy</i> , que assume o valor 1 quando o controle acionário da instituição <i>i</i> for nacional, e o valor nulo no caso contrário	Bose <i>et al.</i> (2017) Chipeta e Muthinja (2018)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Inicialmente foi procedida a análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do Testes T de Student (paramétrico), para se verificar as diferenças entre médias, e o Teste de Mann-Whitney (não-paramétrico), para verificação das diferenças entre medianas.

Para o teste das quatro hipóteses e investigação do efeito da RSC e da inovação no desempenho dos bancos brasileiros, utilizou-se a análise de regressão linear múltipla, com dados organizados em painel e efeitos fixos para ano, conforme a Equação 1.

$$DESEMP_{it} = \beta_0 + \beta_1 RSC_{it} + \beta_2 INOV_{it} + \beta_3 CONT_{it} + \varepsilon_{it} \quad \text{Equação 1}$$

Em que:

DESEMP = desempenho (econômico e de mercado) do banco

INOV = variável inovação (PAT)

RSC = variável de responsabilidade social corporativa (ISE)

CONT = variáveis de controle da pesquisa

Após a aplicação do Teste de Multiplicador de Lagrange de Breusch-Pagan e do Teste de Hausman, que apontaram a adequação dos efeitos fixos, foi adotada a regressão múltipla com dados em painel com efeitos fixos. Além disso, foi realizado o Teste de White, o qual indicou que os termos de erro são homocedásticos, e, a partir dos valores estimados para o VIF, verifica-se que as variáveis não apresentam problema de multicolinearidade.

4 RESULTADOS

4.1 Estatística descritiva

A análise dos resultados inicia-se com a apresentação da estatística descritiva das variáveis do estudo, como mostra a Tabela 1, que reflete as características das instituições da amostra.

Tabela 1 – Estatística descritiva

Variável	Nº de Observações	Média	Desvio-padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
ROA	209	0,0158	0,0280	0,0142	-0,083	0,1628
LPA	209	1,8620	2,0310	1,4043	-3,3610	11,5366
VM	209	9,9538	1,3433	9,5936	7,9589	12,7826
ISE	209	0,2631	-	-	0	1
PAT	209	0,0334	-	-	0	1
TAM	209	4,5188	0,8741	4,1329	3,2962	6,2142
ALAV	209	0,2842	0,1806	0,2982	0,0226	0,8072
PUB	209	0,3397	-	-	0	1
CON_NAC	209	0,8947	-	-	0	1

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 1, observa-se que a variável valor de mercado (VM) apresenta média 9,9538, mediana 9,5936, e desvio-padrão 1,3433, revelando uma elevada dispersão. Assim, percebe-se que, apesar do desempenho médio superior do valor de mercado, a valorização de mercado dos bancos brasileiros é dispersa, resultado que pode estar atrelado ao estágio de desenvolvimento econômico do Brasil (SANTOS, 2018), que se reflete na heterogeneidade do valor de mercado entre as instituições bancárias.

Em relação às variáveis independentes, observam-se as médias 0,2631 para ISE e 0,0334 para patente (PAT). A baixa média da participação dos bancos no ISE (26,31%) pode estar relacionada ao fato de que as atividades desenvolvidas pelo setor bancário não causam impacto direto no meio ambiente (LINS; WAJNBERG, 2007). Apenas Bradesco, Banco do Brasil, Santander, Itaú Unibanco e Itaúsa foram listados no ISE durante o período analisado. Já a baixíssima média de patentes (3,34%) pode ser atribuída ao registro de somente nove patentes durante o período analisado, por apenas quatro instituições: Bradesco (5), Banco do Brasil (2), Banco do Nordeste (1) e Itaú Unibanco (1). Esse resultado causa estranheza, já que a Febraban (2019) informou haver identificado um aumento em inovações tecnológicas no setor bancário nos últimos anos.

Dessa forma, é possível inferir que apesar dos vultosos investimentos em tecnologia, os bancos brasileiros não vêm patenteando suas inovações na mesma proporção. A literatura aponta algumas razões pelas quais as empresas deixam de patentear boa parte de suas inovações. Uma delas está relacionada ao fato de que as patentes não estimulam o aumento da inovação e da produtividade de um país no longo prazo, devido aos monopólios que são criados na medida em que os sistemas de patentes são implantados (BOLDRIN; LEVINE, 2013). Ademais, há outras formas de incentivar a inovação em um país, como a concessão de prêmios e o financiamento de pesquisas (CABELLO; PÓVOA, 2016).

Quanto às variáveis de controle, destaca-se o tamanho (TAM), com uma média 4,5188 e mediana 4,1329. Contudo, apresenta desvio-padrão 0,8741, demonstrando uma elevada dispersão dos valores de ativos intangíveis registrados pelos bancos. A dispersão dos valores pode estar relacionada às diferenças de tamanho entre os bancos da amostra.

A Tabela 2 apresenta o resultado dos testes de diferenças entre médias (Teste T de Student) e medianas (Teste de Mann-Whitney) para analisar se há diferenças estatisticamente significantes entre as práticas de RSC e de inovação, impactando o desempenho econômico (ROA e LPA) e o valor de mercado (VM).

Tabela 2 – Teste T de Student e Teste de Mann-Whitney

	ROA		LPA		VM		
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana	
ISE?	Sim (N = 55)	0.0307	0.0152	2.6182	2.7299	11.2654	11.1227
	Não (N = 154)	0.0126	0.0135	1.4138	0.8658	8.8662	8.7127
Teste T de Student	-0.017(***)		-1.204(***)		-2399(***)		
Teste de Mann-Whitney	-2.219(**)		-5.595(***)		-8.629(***)		
PATENTE?	Sim (N = 7)	0.0131	0.0132	3.2832	2.8599	11.1209	11.1710
	Não (N = 202)	0.01707	0.0145	1.6522	1.1242	9.6665	9.0335
Teste T de Student	0.004		-1.631(**)		-1.454(***)		
Teste de Mann-Whitney	0.144		-2.894(***)		-2.597(***)		

(**), (***) Significância de 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto à RSC, observa-se na Tabela 2 que a estatística Z do Teste T de Student e do Teste de Mann-Whitney apresentou valor inferior a 0,05. Portanto, os valores encontrados são estatisticamente significantes. Pode-se inferir que em relação à RSC, os bancos que

participam do ISE apresentam desempenho superior, tanto econômico quanto de mercado, se comparados aos demais.

Quanto à inovação, representada pelo registro de patentes, observa-se na Tabela 2 que a estatística Z do Teste T de Student e do Teste de Mann-Whitney apresentou valores estatisticamente significantes apenas no desempenho medido pelo lucro por ação (LPA) e pelo valor de mercado (VM). Dessa forma, pode-se inferir que os bancos que registraram patentes apresentam desempenho superior quando considerados o LPA (desempenho econômico) e o VM (desempenho de mercado).

4.2 Análise multivariada

Para se testar as quatro hipóteses da pesquisa, a Equação 1 foi estimada três vezes. Inicialmente, estimou-se o modelo utilizando como variável dependente o retorno sobre o ativo (ROA), seguido da estimação utilizando o lucro por ação (LPA), com a finalidade de se verificar a influência do nível de inovação e das práticas de RSC no desempenho econômico, e, ainda, no desempenho de mercado, em que se utilizou como variável dependente o logaritmo natural do valor de mercado (VM). Os resultados são exibidos na Tabela 3.

Tabela 3 – Análise de regressão com dados em painel com efeitos fixos

	ROA	LPA	VM	VIF
ISE	0.0600(***)	1.4862(***)	0.70032(**)	4.42
PAT	-0.0131	0.9918	-0.0831	1.14
TAM	-0.0212(***)	-0.1527	0.7243(***)	4.85
ALAV	-0.0208(*)	-0.0397	-1.1685(***)	1.36
PUB	0.0006	2.1461(***)	-0.5979(***)	1.30
CON_NAC	-0.0019	-0.1959	-1.058(***)	1.13
Intercepto	0.1039(***)	1.5799	7.7504(***)	
Efeitos Fixos – Ano	Sim	Sim	Sim	
Prob> F	11.67(***)	14.12(***)	63.52(***)	
Within	0.2682	0.3084	0.8055	
Between	0.0752	0.0653	0.5977	
Overall	0.2575	0.2875	0.8000	
Nº de observações	209	209	209	

(*), (**), (***) Significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se pode observar na Tabela 3, a RSC apresentou poder explicativo para ambos os tipos de desempenho (ROA, LPA e VM), indicando que as empresas participantes do ISE têm impacto significativo e positivo nos desempenhos econômico (*p-value* inferior a 1%) e de mercado (*p-value* 5%). Desse modo, não se pode rejeitar as hipóteses 2 e 4 da pesquisa.

Esse resultado corrobora os achados de Wu e Shen (2013), Maqbool e Zameer (2018) e Tumewang e Maharani (2019) para o desempenho econômico, em que os autores utilizaram o ROA para testar o desempenho dos bancos de 22 países, dos bancos comerciais indianos e dos bancos islâmicos, respectivamente. Assim, entende-se que os bancos que adotam melhores práticas de RSC apresentam desempenho econômico superior ao dos demais.

Embora a literatura identifique divergências quanto ao impacto das práticas de RSC no valor de mercado dos bancos, a presente pesquisa obteve resultado similar ao de Bolton (2013), ao encontrar uma relação positiva e significativa entre as variáveis VM e ISE, indicando que quanto maior for o engajamento com práticas de RSC, melhor será o desempenho de mercado. Pode-se inferir ainda que, de maneira geral, os resultados para os desempenhos econômico e de mercado estão consistentes com os preceitos da VBR, haja vista que a RSC criou vantagem competitiva para os bancos participantes do ISE, os quais apresentaram melhor desempenho, em comparação com os demais.

Quanto ao efeito da inovação no desempenho econômico (ROA e LPA) e no valor de mercado, observa-se, na Tabela 3, que os coeficientes estimados para a *proxy* de inovação (PAT) não apresentaram significância estatística para nenhuma das *proxies* de desempenho (econômico e de mercado), rejeitando-se, assim, as hipóteses 1 e 3 da pesquisa.

Esse resultado diverge dos achados de estudos anteriores, que encontraram uma correlação significativa e positiva tanto para o desempenho econômico (CHIPETA; MUTHINJA, 2018; HUSSEIN; IBRAHIM, 2019; MUIGAI; GITAU, 2018) quanto para o valor de mercado (ABIR; RAOUDHA; EMNA, 2016; UZKURT *et al.*, 2013). Essa divergência pode ser explicada pela variável utilizada como *proxy* para inovação, haja vista que a presente pesquisa utiliza o registro de patentes, diferentemente dos estudos citados, que utilizaram como *proxy* a inovação de serviços, de produtos, de processos, a inovação organizacional e a cultura organizacional inovadora. Além disso, como foi apresentado na estatística descritiva, apenas 3,34% dos bancos brasileiros listados na B3 realizaram registro de patentes no período analisado, o que também pode ter interferido no resultado.

No que tange às variáveis de controle, foi possível identificar que quanto ao tamanho do banco e seu impacto no desempenho, verificou-se uma significância ao nível de 1% para o ROA e para o VM, sendo que para o ROA o impacto foi negativo, indicando que quanto maior for o banco, menor é o ROA, divergindo, assim, da literatura anterior (BUALLAY, 2019; CHIPETA; MUTHINJA, 2018; TUMEWANG; MAHARANI, 2019), a qual aponta que quanto maior for o banco, melhor é o seu desempenho. Buallay (2019) aponta ainda que, por possuir mais recursos e ser mais eficientes, as grandes empresas acabam por obter melhor desempenho. Já para o valor de mercado, o impacto foi concordante, indicando que os maiores bancos criam maior valor de mercado. A alavancagem apresentou impacto negativo para o ROA e o VM, com significância ao nível de 10% para o ROA e de 1% para o valor de mercado, mostrando que quanto maior for a alavancagem do banco, menores são o ROA e o VM. Esse resultado corrobora o estudo de Buallay (2019), sinalizando que a captação de capitais de terceiros não vem gerando retornos imediatos. Nessa perspectiva, Popli, Ladkani e Gaur (2017) apontam que as empresas podem utilizar vantagens presentes para obter desempenho superior no longo prazo.

No tocante à propriedade do banco, se público ou privado, encontrou-se uma significância estatística ao nível de 1% para o LPA com impacto positivo e para o VM com impacto negativo, sugerindo que os bancos sob controle do Estado apresentam maior lucro por ação. Contudo, o mesmo não acontece com o valor de mercado, indicando que quando o banco é estatal apresenta menor valor de mercado. Isso pode ser explicado pela reestruturação que o setor bancário brasileiro experimentou nos últimos anos, em que a política de privatização do governo federal ocasionou uma redução no número de bancos públicos, o que acabou levando também à perda de *market share* (PAULA; OREIRO; BASÍLIO, 2013). Ainda segundo os autores, apesar dessa perda, os bancos públicos desempenham importante papel na economia do país.

Por último, encontrou-se uma relação negativa e significativa ao nível de 1% entre o tipo de controle acionário do banco e o VM, entendendo-se, assim, que os bancos públicos e/ou estatais apresentam menor valor de mercado. Esse resultado difere daquele encontrado por Chipeta e Muthinja (2018), que identificaram uma correlação positiva nos bancos do Quênia, indicando que mesmo em países considerados em desenvolvimento o impacto do tipo de controle acionário sobre o valor de mercado pode apresentar comportamentos distintos. Além disso, devido à entrada de bancos estrangeiros, o setor bancário brasileiro passou por significativas alterações, forçando as instituições financeiras a se tornar mais competitivas e eficientes, já que os bancos estrangeiros detêm maior capacidade financeira, e tendem a aumentar o seu *market share* (PAULA; OREIRO; BASÍLIO, 2013).

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar o impacto da inovação e da RSC no desempenho dos bancos brasileiros. Como *proxy* para inovação utilizou-se o registro de patentes, enquanto para a RSC empregou-se a participação no ISE. Foi analisada uma amostra de 20 bancos brasileiros listados na B3 no período 2010-2019.

A estatística descritiva do estudo revelou que no tocante aos bancos da amostra o valor de mercado é disperso, resultado que pode estar associado à heterogeneidade da participação no mercado, já que Bradesco, Banco do Brasil, Santander, Itaúsa e Itaú Unibanco apresentam valor de mercado superior aos demais. Esse é um resultado importante, pois as empresas com maior valor de mercado podem proporcionar mais segurança aos investidores, haja vista que apresentam melhores perspectivas. Além disso, também foram encontradas diferenças de tamanho entre os bancos brasileiros, já que o segmento se caracteriza pela alta concentração de ativos em poucas instituições, o que pode ter influenciado esse resultado.

Outro resultado diz respeito à baixa participação dos bancos da amostra no ISE e ao baixíssimo número de inovações patenteadas, indicando que tanto a quantidade das ações de RSC, quanto a das inovações deixam a desejar. O setor bancário é reconhecido pelos altos investimentos em tecnologia, como mostram os dados da Febraban (2019), o que pode ser considerado uma vantagem competitiva, além de um meio de contribuir com a pegada ecológica. Observa-se, no entanto, que mesmo investindo em novas tecnologias, os bancos não reivindicam suas patentes, o que pode acabar diminuindo sua vantagem competitiva. Isso pode acontecer devido ao alto custo do registro, bem como à demora e à burocracia envolvidas (MOURA *et al.*, 2019).

Com o intuito de se identificar semelhanças e diferenças entre os bancos mais inovadores e com mais ações de RSC, em comparação com os demais, aplicaram-se os testes de diferenças entre médias e medianas. Foi observado que, de modo geral, os bancos que registraram patentes, ou seja, são mais inovadores, e os que participaram do ISE, ou seja, implementaram mais ações de RSC, obtêm desempenho econômico e de mercado superiores aos demais, o que pode conduzir à reflexão sobre o impacto das estratégias competitivas de inovação e RSC no desempenho, confirmando os preceitos da VBR.

No que diz respeito aos resultados da regressão múltipla com dados em painel, pôde-se identificar que um maior engajamento em atividades relacionadas a RSC acaba favorecendo um melhor desempenho econômico e de mercado, mostrando que, apesar de o investimento em RSC apresentar um alto custo, o seu retorno tem sido favorável. Esse resultado corrobora a tese da VBR, de modo que a RSC gerou vantagem competitiva para os bancos da amostra, resultando em melhor desempenho. Diante disso, as hipóteses 2 e 4 não foram rejeitadas, o que reforça a importância de os bancos se engajarem em práticas de RSC, pois essa postura não apenas contribui para preservar o meio ambiente, como também melhora o próprio desempenho.

No tocante à inovação, não foi possível identificar o impacto no desempenho dos bancos brasileiros. Desse modo, as hipóteses 1 e 3 foram rejeitadas, denotando-se, assim, que o nível de inovação não exerce influência significativa no desempenho econômico nem no valor de mercado. Esse resultado contradiz os pressupostos da VBR, haja vista que a inovação deveria gerar vantagem competitiva e, conseqüentemente, melhor desempenho. Conforme já mencionado, esse resultado pode ser um reflexo do reduzido número de registros de patentes (*proxy* da Inovação) pelos bancos da amostra.

Este estudo fornece algumas contribuições nas esferas teórica e prática. Em termos teóricos, foi possível identificar a sua contribuição para corroborar a VBR, já que o engajamento em atividades de RSC traz maior vantagem competitiva, de modo a aumentar o desempenho. Na prática, a pesquisa apresenta o comportamento dos bancos em variáveis como desempenho econômico e valor de mercado, subsidiando as decisões dos investidores.

Dentre as limitações enfrentadas, destaca-se a *proxy* de inovação, representada pelo registro de patentes, já que apenas quatro bancos patentearam tão somente nove inovações no período analisado, além do reduzido número de bancos listados na B3. Para pesquisas futuras, sugere-se: ampliar a amostra para todo o Sistema Financeiro Nacional; e comparar as instituições financeiras listadas em outras bolsas de valores, como, por exemplo, as instituições financeiras dos mercados estadunidense e europeu, destacando as respectivas características empresariais e institucionais.

REFERÊNCIAS

- ABIR, M.; RAOUDHA, D.; EMNA, R. Interaction effect between product and process innovation: the case of Tunisian banks. **Banks and Bank Systems**, v. 11, n. 1, p. 60-70, 2016.
- ALBUQUERQUE FILHO, A. R.; FREIRE, M. M. A.; LUCA, M. M. M.; VASCONCELOS, A. C. Influência da internacionalização e da inovação na competitividade empresarial. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2020.
- ALMENDRA, R. S.; VASCONCELOS, A. C.; ARAGÃO, R. N.; CYSNE, I. A. Influência da estrutura de capital nos investimentos em inovação das indústrias listadas na BM&FBovespa. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 16, n. 1, p. 40-61, 2017.
- BACINELLO, E.; TONTINI, G.; ALBERTON, A. Maturity in sustainable innovation and corporate social responsibility: implications in business performance. **Revista de Administração da UFSM**, v. 12, Ed. Esp., p. 1293-1293, 2019.
- BANSAL, P. Evolving sustainably: a longitudinal study of corporate sustainable development. **Strategic Management Journal**, v. 26, n. 3, p. 197-218, 2005.
- BARAKAT, S. R.; BOAVENTURA, J. M. G.; POLO, E. F. Alinhamento estratégico da responsabilidade social corporativa: um estudo de caso no setor bancário brasileiro. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 86, n. 1, p. 206-233, 2017.
- BAREGHEH, A.; ROWLEY, J.; SAMBROOK, S. Towards a multidisciplinary definition of innovation. **Management Decision**, v. 47, n. 8, p. 1323-1339, 2009.
- BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- BARNEY, J.; HESTERLY, W. **Strategic management and competitive advantage: concepts and cases**. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2008.
- BASTOS, E. V. P.; MATOS, V. S.; QUEIROZ, J. M. Análise do valor de mercado no setor bancário por meio de métodos estatísticos. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 5, Ed. Esp., p. 1669-1688, 2018.
- BOCQUET, R.; BAS, C.; MOTHE, C.; POUSSING, N. CSR, innovation, and firm performance in sluggish growth contexts: a firm-level empirical analysis. **Journal of Business Ethics**, v. 146, n. 1, p. 241-254, 2015.
- BOLDRIN, M.; LEVINE, D. K. The case against patents. **Journal of Economic Perspectives**, v. 27, n. 1, p. 3-22, 2013.
- BOLTON, B. **Corporate social responsibility and bank performance**. 2013. Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2277912>.
- BOMBONATTI FILHO, O.; GASPAR, M. A.; SILVEIRA, M. A. P.; MORAES, E. A. Estratégia de investimentos em tecnologia da informação e comunicação e a evolução da

indústria bancária brasileira: análise geral e dos maiores bancos privados. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 13, n. 1, p. 151-176, 2013.

BOSE, S.; KHAN, H. Z.; RASHID, A.; ISLAM, S. What drives green banking disclosure? An institutional and corporate governance perspective. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 35, p. 501-527, 2018.

BRANCO, M. C.; RODRIGUES, L. L. Corporate social responsibility and resource-based perspectives. **Journal of Business Ethics**, v. 69, n. 2, p. 111-132, 2006.

BRYANT, S. E. The role of transformational and transactional leadership in creating, sharing and exploiting organizational knowledge. **Journal of Leadership & Organizational Studies**, v. 9, n. 4, p. 32-44, 2003.

BUALLAY, A. Is sustainability reporting (ESG) associated with performance? Evidence from the European banking sector. **Management of Environmental Quality: An International Journal**, v. 30, n. 1, p. 98-115, 2019.

CABELLO, A. F.; PÓVOA, L. M. C. Análise econômica da primeira lei de patentes brasileira. **Estudos Econômicos**, v. 46, n. 4, p. 879-907, 2016.

CARNEVALE, C.; MAZZUCA, M.; VENTURINI, S. Corporate social reporting in European banks: the effects on a firm's market value. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 19, p. 159-177, 2012.

CARVALHO, F. M.; KAYO, E. K.; MARTIN, D. M. L. Tangibilidade e intangibilidade na determinação do desempenho persistente de firmas brasileiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 5, p. 871-889, 2010.

CARVALHO, R. C. **Inovação no sistema financeiro: estudo de caso de banco de varejo brasileiro**. 2019. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios) – Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios, Fundação Instituto de Administração, São Paulo, 2019.

CASTELO, M.; LIMA, L. Corporate social responsibility and resource-based perspectives. **Journal of Business Ethics**, v. 69, n. 2, p. 111-132, 2006.

CHAI, B. B. H.; TAN, P. S.; GOH, T. S. Banking services that influence the bank performance. **Procedia: Social and Behavioral Sciences**, v. 224, p. 401-407, 2016.

CHEN, Y.; LIANG L.; YANG F.; ZHU, J. Evaluation of information technology investment: a data envelopment analysis approach. **Computers & Operations Research**, v. 33, n. 5, p. 1368-1379, 2006.

CHIPETA, C.; MUTHINJA, M. M. Financial innovations and bank performance in Kenya: evidence from branchless banking models. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 21, n. 1, p. 1-11, 2018.

CHO, H.; PUCIK, V. Relationship between innovativeness, quality, growth, profitability and market value. **Strategic Management Journal**, v. 26, n. 6, p. 555-575, 2005.

CISZEWSKA-MLINARIČ, M.; WASOWSKA, A. Resource-Based View (RBV). **Wiley Encyclopedia of Management**, v. 6, p. 1-7, 2015.

COETZEE, J. Strategic implications of fintech on South African retail banks. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 21, n. 1, p. 1-11, 2018.

- CROSSAN, M. M.; APAYDIN, M. A multi-dimensional framework of organizational innovation: a systematic review of the literature. **Journal of Management Studies**, v. 47, n. 6, p. 1154-1191, 2010.
- DEVINNEY, T. M. Is the socially responsible corporation a myth? The good, the bad, and the ugly of corporate social responsibility. **Academy of Management Perspectives**, v. 32, n. 2, p. 44-56, 2009.
- ELLEGAARD, C.; MEDLIN, C. J.; GEERSBRO, J. Value appropriation in business exchange: literature review and future research opportunities. **Journal of Business & Industrial Marketing**, v. 29, n. 3, p. 185-198, 2014.
- ENUGHULU, S.; DABOR, R. O. Corporation social responsibility and bank performance in Nigeria. **Sriwijaya International Journal of Dynamic Economics and Business**, v. 2, n. 4, p. 317-330, 2018.
- FARIA, A. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. M. Visão baseada em recursos: um estudo do potencial competitivo do cluster de eletroeletrônicos de Santa Rita do Sapucaí. **Gestão & Regionalidade**, v. 35, n. 106, p. 216-237, 2019.
- FARIA, F. A.; MAÇADA, A. C. G. Impacto dos investimentos em TI no resultado operacional dos bancos brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 5, p. 440-457, 2011.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS – FEBRABAN. **Pesquisa Febraban de tecnologia bancária 2019**. Disponível em: <<https://cmsportal.febraban.org.br/Arquivos/documentos/PDF/Pesquisa-FEBRABAN-Tecnologia-Bancaria-2019.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2020.
- FREGUETE, L. M.; NOSSA, V.; FUNCHAL, B. Responsabilidade social corporativa e desempenho financeiro das empresas brasileiras na crise de 2008. **RAC**, v. 19, n. 2, p. 232-248, 2015.
- FRIÓSI, J. F.; CARRARO, N. C.; ALBUQUERQUE, A. F.; YOKOYAMA, N. Análise exploratória da inovação bancária brasileira e as tendências para o setor. **Revista Gestão Empresarial**, v. 1, n. 1, p. 47-57, 2017.
- GALLARDO-VÁZQUEZ, D.; SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, M. I. Análisis de la incidencia de la responsabilidad social empresarial en el éxito competitivo de las microempresas y el papel de la innovación. **Universia Business Review**, n. 38, p. 14-31, 2013.
- GALLEGO-ÁLVAREZ, I.; PRADO-LORENZO, J. M.; GARCÍA-SÁNCHEZ, I. M. Corporate social responsibility and innovation: a resource-based theory. **Management Decision**, v. 49, n. 10, p. 1079-1727, 2011.
- GOMEZ-MEJIA, L. R.; BALKIN, D. B. **Management**. New York: McGraw-Hill, 2002.
- HAYASHI, P.; ITO, N.; GIMENEZ, F. A. P.; PONGELUPPE, L. Entendimentos e desentendimentos da pesquisa empírica da visão baseada em recursos: uma abordagem exploratória. **Estudios Gerenciales**, v. 34, n. 149, p. 469-480, 2018.
- HUSSEIN, A. A.; IBRAHIM, A. A. Effects of banking innovation on the financial performance of commercial banks in Somalia. **Ijarke Business & Management Journal**, v. 1, n. 4, p. 151-161, 2019.
- HUSTED, B. W.; ALLEN, D. B. Strategic corporate social responsibility and value creation among large firms: lessons from the Spanish experience. **Long Range Planning**, v. 40, n. 6, p. 594-610, 2007.

- JAGGI, G. Green banking: initiatives by SBI and ICICI. **Indian Journal of Research**, v. 3, n. 6, p. 121-122, 2014.
- KAO, C.; HWANG, S.-N. Efficiency measurement for network systems: IT impact on firm performance. **Decision Support Systems**, v. 48, n. 3, p. 437-446, 2010.
- LAMEIRA, V. J.; NESS JÚNIOR, W. L.; QUELHAS, O. L. G.; PEREIRA, R. G. Sustentabilidade, valor, desempenho e risco no mercado de capitais brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 15, n. 46, p. 76-90, 2013.
- LINS, C.; WAJNBERG, D. **Sustentabilidade corporativa no setor financeiro brasileiro**. Rio de Janeiro: FBDS, 2007.
- MACGREGOR, S. P.; FONTRONDA, J. Exploring the fit between CSR and innovation. Working Paper WP-759, **Center for Business and Society**, 2008.
- MAQBOOL, S.; ZAMEER, M. N. Corporate social responsibility and financial performance: an empirical analysis of Indian banks. **Future Business Journal**, v. 4, p. 84-93, 2018.
- MCWILLIAMS, A.; SIEGEL, D. Corporate social responsibility and financial performance: correlation or misspecification? **Strategic Management Journal**, v. 21, n. 5, p. 603-609, 2000.
- MCWILLIAMS, A.; SIEGEL, D. Creating and capturing value: strategic corporate social responsibility, resource-based theory, and sustainable competitive advantage. **Journal of Management**, v. 37, n. 5, p. 1480-1495, 2011.
- MOURA, A. M. M.; GABRIEL JÚNIOR, R. F.; MAGNUS, A. P. M.; BOCH, F. S.; SCARTASSINI, V. B. Panorama das patentes depositadas no Brasil: uma análise a partir dos maiores depositantes de patentes na base Derwent Innovations Index. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, v. 13, n. 2, p. 59-68, 2019.
- MOURA, P.; GALINA, S. V. R. Empresas multinacionais de origem brasileira e a publicação internacional de patentes. **Revista de Administração e Inovação**, v. 6, n. 3, p. 26-45, 2009.
- MUIGAI, R. G.; GITAU, S. N. Effect of innovation strategies on financial performance of the banking industry in Kenya. **European Journal of Economic and Financial Research**, v. 3, n. 1, p. 168-186, 2018.
- NIRANJANA, A. A study on green banking initiatives in India with reference to state bank of India. **Pukarala**, v. 31, n. 10, 2020.
- PADGETT, R. C.; MOURA-LEITE, R. C. Innovation with high social benefits and corporate financial performance. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 7, n. 4, p. 59-69, 2012.
- PADILLA-OSPINA, A. M.; RIVERA-GODOY, J. A.; OSPINA-HOLGUÍN, J. H. Desempenho financeiro de las empresas más innovadoras del sector real de Colombia. **Entramado**, v. 15, n. 1, p. 78-97, 2019.
- PAULA, L. F.; OREIRO, J. L.; BASÍLIO, F. A. C. Estrutura do setor bancário e o ciclo recente de expansão do crédito: o papel dos bancos públicos federais. **Nova Economia**, v. 23, n. 3, p. 473-520, 2013.
- POPLI, M.; LADKANI, R. M.; GAUR, A. S. Business group affiliation and post-acquisition performance: an extended resource-based view. **Journal of Business Research**, v. 81, p. 21-30, 2017.

- PORTER, M. E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. São Paulo: Campus, 1986.
- RHOU, Y.; SINGAL, M.; KOH, Y. CSR and financial performance: the role of CSR awareness in the restaurant industry. **International Journal of Hospitality Management**, v. 57, p. 30-39, 2016.
- SALOMÃO, K. **Dos quarenta e três maiores bancos do mundo, 3 são do Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/dos-43-maiores-bancos-do-mundo-3-sao-do-brasil-veja-lista/>>. Acesso em: 24 maio 2020.
- SANTOS, A. R. S. **Inovação e responsabilidade social e o desempenho das firmas brasileiras e europeias**. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- SURROCA, J.; TRIBÒ, J. A.; WADDOCK, S. Corporate responsibility and financial performance: the role of intangible resources. **Strategic Management Journal**, v. 31, n. 5, p. 463-490, 2010.
- TUMEWANG, Y. K.; MAHARANI, N. K. Islamic bank's performance in the light of competition and CSR. **IJIEF: International Journal of Islamic Economics and Finance**, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2019.
- UZKURT, C.; KUMAR, R.; KIMZAN, H. S.; EMINOGLU, G. Role of innovation in the relationship between organizational culture and firm performance: a study of the banking sector in Turkey. **European Journal of Innovation Management**, v. 16, n. 1, p. 92-117, 2013.
- WAGNER, M. Corporate social performance and innovation with high social benefits: a quantitative analysis. **Journal of Business Ethics**, v. 94, n. 4, p. 581-594, 2010.
- WANG, C. H.; GOPAL, R. D.; ZIONTS, S. Use of data envelopment analysis in assessing information technology impact on firm performance. **Annals of Operations Research**, n. 73, p. 191-213, 1997.
- WERNERFELT, B. A resource-based view of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 5, n. 2, p. 171-180, 1984.
- WU, M.; SHEN, C. Corporate social responsibility in the banking industry: motives and financial performance. **Journal of Banking & Finance**, v. 37, p. 3529-3547, 2013.